

Tempos fluidos com lembranças em conta gotas

Recebido em 17-05-2021

Modificado em 20-08-2021

Aceito para publicação em 12-09-2021



<https://doi.org/10.47456/simbitica.v9i1.38304>

Douglas Manoel Antonio de Abreu Pestana Santos

Pesquisador em Educação Especial na ABEPEE UNESP. Neuropsicopedagogo. Mestrando em Educação na Universidade de São Paulo, Brasil. Bolsista de Produtividade na modalidade de Pós-Graduação na área da Educação junto à CAPES e ao CNPq. E-mail: dpestanda@usp.br

Esqueci-me no tempo. Perdido na selva de neurônios entrelaçados em pequenas fagulhas elétricas. Levantei sem lembrar meu nome. Chamei minha mãe insistentemente. Sem resposta. Quem eu era? Onde estava? Estava prisioneiro no meu corpo?

Levantei.

Meus olhos corriam pelos cantos do quarto estranho. Que lugar é esse? Cadê minha mãe? Ela costumava deitar comigo na cama grande e com cobertas grossas.

O silêncio quebrava os gritos que ecoavam dentro de mim. Cheguei a apalpar meu peito para acalmar a dor aguda. Levantei a cabeça e vi um espelho emoldurado em um tom laranja sem graça. Tentei correr para ver o que estava lá. Mas senti dores nos joelhos. Arrastei-me até ele. Olhei com curiosidade. Sorri! Não era espelho era um quadro com uma figura estilhaçada.

Chamei minha mãe. Nada! Comecei a chorar e levei à boca meu dedo. Olhei para todos os lados. Tinha que ter uma saída. Porta fechada. Bati... Bati... Bati... Até doer meus dedos. – Mamãe! O castigo acabou?

Nada! Só o eco vazio produzido pela minha garganta rouca.

Como podem aprisionar uma criança? Será que quebrei uma louça antiga? Foi a sopeira? Ela amava a sopeira. Gritei! – Mamãe! Mamãe! Estou com medo.

Nada! O som produzido estava preso àquela caixa minúscula.

Sentei na cama. Quarto pequeno. - Cadê meus carrinhos? - Quero meus carrinhos! Sinto fome.



- Quero ir ao banheiro.

Em um breve momento lembrei-me de uma figura feminina. Quem era? Acho que sou casado. Sim! Tentei levantar, mas não consegui chegar até a porta. Queria chamá-la, mas não lembrava o seu nome.

Nada! Som surdo.

Onde estava? Meu Deus! Preciso de uma luz. Fiquei desesperado. Meu tempo oscilava entre o pretérito perfeito e imperfeito, lutava com ânsia pelo presente e perdia horas do futuro. Era um lapso temporal e estava livre para entrar e sair pelas inúmeras portas do destino.

- Cadê minha mãe? Mamãe?

Adorava leite com chocolate! - Vocês gostam? Eu gosto!

- Posso pedir uma coisa? Não conte a ninguém, por favor! Quem estiver lendo pode chamar a minha mãe? Deve estar preparando a macarronada com lombo recheado. Avise-a que acordei e estou com fome.

- Cadê meus filhos? Tenho filhos! Graças a Deus! Minha companheira sempre falou que estaria comigo e nunca iria me deixar. Deixe-me gritar pelos meus filhos. Eles vão atender. Eles me amam.

Nada!

Quanto silêncio! Olhei a cadeira que estava no canto do quarto. Já sei. Vou jogá-la na porta e quero ver se ninguém vem. - Cadê minha mãe! Deve estar no jardim regando as hortaliças. Sempre cuidadosa.

Arrastei-me até a cadeira. Não entendi como alguém parafusa uma cadeira no chão? Tem gente louca nesta casa. - Mamãe!

Senti o cheiro do ensopado de frango. - Estou com fome. (Soluços) - Não vou levar mais os meninos para a escola, eles pulam demais na rua. Faltava um carro. Falei com ela para não esquecer o lanche. Não consigo lembrar o nome dessa mulher e mãe de meus filhos.

- Cadê minha mãe?

Assustei quando vi mamãe matando o frango e arrancando as penas na água quente, mas depois me esqueci de tudo quando o ensopado estava na mesa.

Voltei arrastando para a porta. Fechada!

O mais velho tinha os olhos grandes e brilhantes e era um menino esperto e bondoso. (respiração longa e cansada). Lembro-me do seu abraço e do seu beijo, logo estará aqui. Acho que perdi a chave. - Droga! Porque chamo e ninguém atende?

- Cadê minha mãe?

Sentei na beirada da cama. Entrelacei os dedos. Abaixei a cabeça e comecei a chorar. Esfreguei minhas mãos e senti os calos. Assustei. Passei as mãos no joelho e lembrei-me das orações. Quantas noites ajoelhei para pedir proteção para nossos filhos e ouvia a voz de minha esposa sussurrando “Glórias” ao meu lado. Pena que não consigo lembrar o seu nome, mas logo estará aqui. (sorriso).

No quintal amplo da minha casa contava meus sonhos aos meninos. Falava de uma vida nova, uma vida repleta de alegria e o quanto íamos sorrir dos momentos de tristeza e de dor, mas não consigo lembrar que quarto é esse. O que faço aqui?

Parei um pouco. Tudo apagou. Sumiram todas as lembranças. Nesse momento não sabia mais nada. Sequer me conhecia. Tudo em minha volta perdia seus nomes, apenas objetos estranhos e largados em algum lugar.

Aos poucos, uma forma começa a se criar em minha mente.

- Cadê minha mãe?

A maçaneta da porta começa a girar. Grito! - Mamãe?

Entra um homem alto com uma pele tão preta que me deixou encantado com aquela cor tão linda. – Você é meu filho? Ele sorriu.

– Posso ser! Como o senhor está?

Quem era esse senhor?

Olhei espantado, mas como perguntar não ofende - Senhor? Você está falando com quem? Você viu minha mãe?

- Infelizmente sua mãe não está mais aqui.

Foi quando ele apagou de vez.

Abri a janela protegida por uma grade. - Olhe para o céu. Ela está lá.

Chorou. - Por que mamãe me deixou, nem fui despedir.

Olhei para ele – Vou cuidar do senhor.

- Obrigado! Disse esboçando um sorriso infantil. - Tenho medo de ficar sozinho. Por que me deixaram sozinho?

- Desculpa, mas estava com outra criança.

Tirei sua camisa. – Vamos tomar banho? Apenas confirmou com a cabeça. Olhei para os seus braços finos e enrugados.

- Você sabe onde está minha mulher? Preciso falar com ela. Tenho vergonha de mostrar meu corpo e sempre disse pedi para ela cuidar de mim se ficasse doente. Por favor!

Alisou o meu rosto confundindo-me com seus filhos.

- Pode chamá-la?

Olhou para mim com tanta ternura e procurei uma resposta. – Ela cuidou tanto do senhor, mas estava cansada demais e um dia não consegui segurar mais o sono e infelizmente foi dormir e não acordou mais, acho que foi muito sono.

Chorou.

- Cadê minha mãe?

Sorri.

Levei-o ao banheiro e ajeitei em uma cadeira de banho, senti a água na palma da minha mão e estava morna. Lavei suas costas. Olhou para mim e em soluços perguntou: - Meus filhos vêm hoje? Eles vão cuidar de mim?

O olhar dele foi tão triste. Não consegui responder.

- Cadê minha mãe?

Sorri novamente. Eram tantas idas e vindas no tempo que me perdia.

Apenas sorri. Parecia engraçado. Novamente parou. APAGOU. Não sabia mais quem eu era. Tentou soltar de minhas mãos assustado, mas segurei firme.

Sequei com carinho aquele corpo cansado e ajeitei-o na cama. Estava ruborizado de vergonha.

Estava com tanto sono.

– Você pode ficar comigo até eu dormir? Tenho medo de ficar sozinho, mas já estou sozinho. Minha mãe se foi. Minha amada dormiu e não acorda mais. Meus filhos perderam o caminho de casa. Será que esta é a minha casa?

Parou por um momento com um olhar vazio.

– Você pode ficar comigo.

Cobri-o. Estava com frio

– Tá bom! Eu fico, mas dorme.

E dormiu...